

O ouro dos museus,
A derramar-se, estanque,
É ornato da morte
Para a festa da cinza.

Todo o ouro das minas
É promessa de pão,
E o ouro da moeda
Que auxilia e circula
É sangue do progresso.

Mas apenas o ouro
Que gastas apagando
As aflições dos outros,
Acendendo sorrisos
Em máscaras de pranto,
É o ouro da alegria
Nos tesouros de amor
Que acumulas no Céu.

Rodrigues de Abreu

NOTÍCIAS DA MORTE

Peço aqui a cada um
Que, por favor, me suporte,
Mas vários amigos mandam
Que eu escreva sobre a morte.

Não sei o porquê da escolha,
Já que não sou literato,
Verso que eu possa compor
Recorda uma flor do mato.

Antigamente julguei
Que a morte fosse a visão
De uma bruxa escaveirada
Com grande foice na mão.

Agora que atravessei
 A terra-de-toda-gente,
 Posso falar de cadeira
 Que ela é muito diferente.

Ninguém escapa na Terra
 Às influências da dita,
 Ela chega para todos,
 Mas pouca gente acredita.

Quando não surge de estalo,
 Vem vindo de passo em passo,
 Começa por uma dor,
 Uma tristeza, um cansaço...

Quando desponta, de início,
 Pouco a pouco, ela reclama
 Remédio, exame, cuidado,
 Silêncio, repouso e cama.

Se o Céu envia uma ordem
 De suspender a sentença,
 Ela deixa a Medicina
 Afugentar a doença.

Mas quando tem carta branca
 Para trabalho, a preceito,
 Ela carrega a pessoa
 Agindo de qualquer jeito.

É um quadro triste de luta...
 Muita gente, nessa hora,
 Pede apoio e proteção
 A Deus e Nossa Senhora.

Uns gritam: "Quero ficar,
 Tenho meus filhos pequenos...
 Socorro, meu Deus, preciso
 De mais tempo, mais ou menos..."

Outros suplicam: "Doutor,
 Eu pago o que possa ter,
 Tome qualquer providência,
 Mas não me deixe morrer..."

Contudo, se o Céu ordena,
 De nada a Morte se espanta,
 Ciência fica no estudo,
 Remédio não adianta.

Então se estira a pessoa
 Num sono esquisito e enorme,
 Lembrando nesse descanso
 Uma lagarta que dorme.

Depois, recorda um casulo
 Na caixa, em forma de cocho,
 E o corpo sem movimento
 Tome vela e pano roxo.

Logo em seguida, a pessoa
 Acorda e entra em ação,
 Copiando a borboleta
 Que deixa a casca no chão.

Aí, é que o carro pega:
 Se a consciência está boa,
 É muito encontro feliz
 E muita luz na pessoa.

Mas, se apenas sombra e culpa
 É o que a mente em si carrega,
 Parece um doente aos gritos,
 Brincando de cabra cega.

Aqui termino a conversa.
 Nada mais a comentar.
 Da morte já disse tudo
 O que eu podia falar.

Toda criatura na Terra,
 Cada qual por sua vez,
 Recebe, depois da morte,
 Somente a vida que fez.

Leandro Gomes de Barros